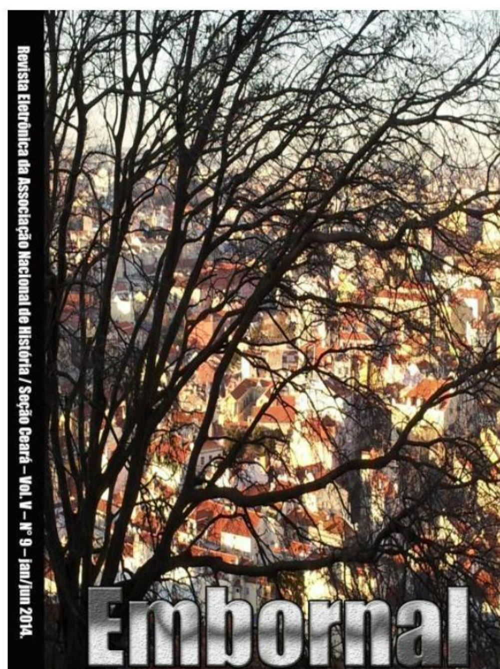


O ESTUDO DAS "REPRESENTAÇÕES" COMO TRILHA DA HISTÓRIA CULTURAL

Este número da Revista Embornal começou a ser pensado em forma de dossiê sobre a História Cultural. Imaginava-se um amplo painel da produção nacional ligada a esse campo de reflexões. Chamada pública realizada, iniciado o envio dos textos, percebeu-se a dimensão da tarefa aspirada. Primeiro, pela amplitude e complexidade do que se propunha. Dificilmente se obteria êxito em tarefa tão vasta se não fosse feito um planejamento de médio e longo prazo, tempo que não dispúnhamos. Depois, pela complexa tarefa de selecionar os textos remetidos, buscando relativa unidade de seus variados contextos de produção, suas diferentes e complexas temáticas e seus diversos usos documentais. Mais: apesar da razoável quantidade de textos enviados, não possuíamos textos com objetos próximos o suficiente para a constituição de um conjunto denso e sustentável de temas.

Diante disso, resolvemos considerar esta publicação não como um dossiê, e sim como uma espécie de ensaio, uma provocação que suscitasse novas e variadas questões.

Dessa forma, surgiu este número da Revista Embornal, voltado para a história cultural, com seus usos e leituras, suas apropriações e abordagens, em algumas de suas possibilidades de pesquisa e enunciação. Procurando nesta edição, contudo, uma trilha possível, evocamos o conceito de *representação*, aqui empregado de diferentes formas e articulado a temáticas e materiais diversos.

Os onze artigos selecionados correspondem ao intuito supracitado de provocação, instigando o aprofundamento das diversas possibilidades de compreensão e uso do conceito de *representação* e, consequentemente, da história cultural.

Assim, este número se inicia com uma prazerosa reflexão sobre a praia e a construção de papéis e significados de corpos de homens e mulheres, ancorada nos estudos da visualidade e, em última instância, das representações. Gisela Kaczan e Graciela Zuppa analisam, em "**La playa como escenario visual de historias culturales. Argentina (1920-1940)",** cenas e práticas existentes na costa sudoeste de Buenos Aires.

O uso documental das imagens aponta uma análise reveladora dos lazeres e prazeres, das muitas formas de elaborar socialmente essas práticas e, sobretudo, de se relacionar com o mar.

Em seguida, numa transição para o espaço da festa e de suas manifestações, temos dois artigos, um, sobre a festa junina na imprensa da cidade de Belém, escrito por Elielton Benedito Castro Gomes e intitulado "**O São João dos cronistas, memorialistas e jornalistas: festa junina e imprensa em Belém nos anos 1950**", de onde emanam crônicas, romances e matérias jornalísticas que buscavam valorar essa manifestação em seus aspectos "tradicionais", revelando a constituição saudosista de um "São João de antigamente".

Outro, mais recuado no tempo, de Ana Luíza Rios, intitulado "**Mercadores de partituras e críticos musicais: Música urbana e tradição em Fortaleza (1897-1949)**", no qual a autora, inspirada nas reflexões de Néstor Canclini, define a arte a partir da intervenção de vários sujeitos (marchands, jornalistas, críticos e mercadores de partituras), que delineiam nossas convenções sobre esse campo do sensível.

Cotejando a produção "crítica" do período com as partituras editadas nas casas de músicas e/ou grafadas por copistas, a autora aponta a existência de "uma escrita de tom caracteristicamente nacionalista", dada a influência do modernismo de Mário de Andrade. Assim, com um uso documental distinto – mais uma iluminação da História cultural –, ela discute uma música urbana sob a ótica de tradições inventadas.

Depois, inicia-se uma sequência de cinco artigos, que refletem sobre gênero e educação, morte, doenças e panaceias, uma revolta e imprensa gay. Em comum (sobretudo os quatro últimos), além das *representações*, uma atenção voltada aos usos e importância dos periódicos.

Alfrancio Ferreira Dias e Maria Helena Santana Cruz assinam "**A docência sob suspeita: as representações de gênero no campo da educação**". Por meio de entrevistas, os autores analisam trajetórias familiares e profissionais de professores do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, a fim de compreender como as identidades de gênero se relacionam com o trabalho docente e ao cotidiano escolar.

Pedro Holanda Filho, em "**Representações sobre a morte em Fortaleza-Ce (1920-1940)**" investiga, por meio da obra de dois memorialistas, representações e práticas fúnebres em Fortaleza, capital do Ceará, pontuando que alterações ocorridas na cidade implicaram em novas formas de ritualização de atos fúnebres e de significação sobre a morte.

Em “**Das moléstias e dos prodígios: anotações sobre doenças e panaceias no jornal ‘A Campanha’ (1900-1934)**”, Lúcio Reis Filho e Graciley Borges analisam o imaginário da saúde e da doença no sul de Minas Gerais, salientando o papel da imprensa na difusão de valores morais e comportamentos sociais alinhados com a ciência médica, a indústria farmacêutica e os projetos de poder das elites mineiras. Segundo os autores, a urgente preservação e divulgação desse acervo documental e a reflexão sobre o papel dos jornais na construção da vida social e política de Minas Gerais são prioridades - que eles atendem.

Eduardo Barreto de Araújo, em escrito intitulado “**A construção da revolta: as representações da revolução de 1930 na revista do Globo (1929-1932)**”, além do marco histórico, explica como foi construída, no supracitado veículo, a imagem de Getúlio Vargas em sua dimensão de político regional e líder da revolução. Discorre, ainda, acerca das alianças políticas no Rio Grande do Sul que culminaram nesse acontecimento marcante da vida política republicana.

No artigo intitulado “**História cultural e algumas reflexões: imprensa gay como fonte e objeto histórico**”, Victor Hugo S. G. Mariusso, além de refletir sobre a imprensa e a história cultural – inspirado em autores basilares desse campo, como Roger Chartier, Raymond Williams e Stuart Hall –, debruça-se sobre uma sexualidade vivida de formas outras.

Lastreado no jornal “Lampião de Esquina” e nas revistas *Sui Generis* e ...., o autor examina identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais, buscando entender a construção de uma normatividade sobre a erótica homossexual que, a seu ver, exclui a passividade e reitera a virilidade, no que denominou de “homonormatividade”.

Por fim, em uma última sequência de artigos, apresenta-se uma provocante reflexão sobre a ação dos intelectuais na Amazônia, no Ceará e na Europa.

Em “**Heróis do deserto: notas sobre a intelectualidade amazonense (1920-1960)**”, Vinicius Alves do Amaral desconstrói o “provincianismo” e os “anos de crise” do Amazonas, especialmente no campo artístico e intelectual, entre o fim do boom da borracha e a criação da zona franca de Manaus, dois momentos-chave da região.

Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira se volta para um político, escritor e educador atuante na cidade de Aracoiaba, no Ceará, para entender a escrita de si. Em seu artigo “**Escrita de si, memória dos outros: narrativa autobiográfica em Salomão Alves de Moura Brasil**”, a personagem se expressa como um “eu narrado” que é o “eu da história”, pois o que faz em vida o possibilita atuar no “espaço do papel”, promovendo memórias que, em alguma medida, guardam intimidade com a memória coletiva, entrelaçando a história dele com a da cidade.

Para finalizar este número da Embornal, André da Silva Ramos colabora com o artigo “**Robert Southey e o redescobrimento de Portugal: a valorização da herança gótica europeia**”. O autor discute as formas como o historiador inglês refaz ou

reconfigura suas noções acerca da pátria lusitana, a partir da publicação de *Letters written during a short residence in Spain and Portugal* (1797), tendo como pano de fundo sua atuação como resenhista na Grã-Bretanha, onde teria ampliado sua erudição. Simpatizando com a herança gótica, reavalia a contribuição de Portugal ao estilo, meditação que teria influenciado o direcionamento de sua carreira literária.

Para concluir, caros leitores, chamamos a atenção, novamente, para a diversidade temática, os variados usos documentais e as singulares interferências metodológicas que revelam a vivacidade e a pulsão de uma historiografia em pleno processo de constituição e em meio ao desafio de se reinventar.

Esperamos que apreciem a leitura.

Messejana, fevereiro/março de 2015.

Francisco José Gomes Damasceno

Sander Cruz Castelo

Lídia Noemia Santos

EXPEDIENTE

DIRETORIA DA ANPUH-CE (2012-2014)

Presidente: Francisco José Gomes Damasceno (UECE),

Vice-Presidente, Francisco Egberto de Melo (URCA),

Secretário-Geral, Telma Bessa Sales (UVA),

Primeiro Secretário, Renato de Mesquita Rios,

Segundo Secretário, João Paulo Vieira (Historiando),

Primeiro Tesoureiro, Karla Silvino de Oliveria (INTA)

Segundo Tesoureiro, José Airton de Farias (Ensino Médio).

EDIÇÃO

Camila Mota Farias

FOTOGRAFIA DA CAPA

Francisco José Gomes Damasceno

Ficha Catalográfica

Embornal, Revista eletrônica da ANPUH-CE

Ano V, vol.5, Nº 9, jan/jun de 2014, Ceará

ISSN: 2177-160X CDD

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – SECÇÃO CEARÁ

Avenida Paranjana, 1700, Bairro Itapery.

CEP 60740-903, Mestrado Acadêmico de História da UECE.

Fortaleza-CE (85) 9624-3835

www.ce.anpuh.org / anpuhceara@gmail.com